
MOBILIDADES TRANSVERSAIS

DE MARIA DE MAGDALA EM

O EVANGELHO SEGUNDO

JESUS CRISTO, DE JOSÉ SARAMAGO*

JORGE ALVES SANTANA**
IVONI RICHTER REIMER***

Resumo: “O que me ensinas, não é prisão, é liberdade” (SARAMAGO, 2010, p. 163) é uma das várias reflexões que Jesus, ressignificado literariamente por José Saramago, faz com Maria de Magdala, no romance “O Evangelho Segundo Jesus Cristo”. O contexto acional corresponde à relação amorosa que se inicia entre o casal e que se estenderá por toda essa narrativa. Refletiremos nesse estudo sobre aspectos da construção dessa singular e ao mesmo tempo coletivizada figura feminina, construída dialógica e criticamente em relação aos textos canônicos. Acompanharemos as estratégias político-culturais que Saramago utiliza para a produção de poderes transversais do feminino estendido, bem como os mecanismos de produção de subjetividades nômades e fronteiriças nesse campo literário que possui pragmáticas vinculações com os dispositivos culturais de variado espectro religioso.

Palavras-chave: José Saramago. “O evangelho segundo Jesus Cristo”. Maria de Magdala. Produção de subjetividade.

Não te prenderás a mim pelo que te ensinei, mas fica comigo esta noite. E Jesus, sobre ela, respondeu, O que me ensinas, não é prisão, é liberdade. Dormiram juntos, mas não apenas nessa noite.
(José Saramago)

A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em

* Recebido em: 26.07.2017. Aprovado em: 29.09.2017.

** Doutor em Teoria Literária (UNESP/São José do Rio Preto). Pós-Doutor em Estudos Literários (UFMG). Docente da UFG. E-mail: jorgeufg@bol.com.br.

*** Doutora em Filosofia/Teologia pela Universität Kassel (Alemanha). Pós-Doutora em Ciências Humanas, Interdisciplinar (UFSC). Docente na PUC Goiás. E-mail: ivonirr@gmail.com

políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia.
(Judith Butler)

O escritor português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura em 1998, escreveu um de seus mais instigantes romances, *O evangelho segundo Jesus Cristo*¹, em 1991 (=2010), abordando e construindo literariamente a vida de Jesus. Ele o faz com base em situações expostas pelos textos canônicos, por textos não canônicos, bem como por aquelas construídas no dialogismo crítico, feito entre tais dados relacionados a situações culturais e psicossociais contemporâneas.

A diegese romanesca terá como foco central os tempos formativos que abordam parte da infância, adolescência e juventude dessa figura de natureza religiosa, mítica, cultural e política, que é Jesus. Saramago imagina situações e ações que aproximariam essa personagem a um plano mais humanizado e contemporâneo, sem, contudo, retirar sua singularidade exemplar, principalmente no que diz respeito à sua postura de radical empatia e compaixão para compreender a variedade, a heterogeneidade e a conexão das/nas redes interpessoais que montam os tecidos sociais desse universo antigo em franca intersecção com a época contemporânea. O autor, nesse contexto, relembra das possibilidades relativamente abertas de se representar e se expressar sobre a vida de um de seus protagonistas, reportando-se ao texto canônico de Lucas 1,1-4:

Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra, resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela sua ordem, illustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído. Lucas 1,1-4 (SARAMAGO, 2010, p. 3).

Ao lado de dados tidos como empíricos, Saramago deslocará toda uma discursividade, de modo dialógico e crítico, para o campo literário². Na coexistência heterogênea dessas possibilidades de representação e de expressão culturais, nosso estudo acompanhará aspectos da constituição da personagem Maria de Magdala, figura da tradição de textos sagrados e história interpretativa cristãos, que será por ele resignificada por características que a colocam no campo da discussão do *locus* e do *socius* que nossas sociedades ocidentais constroem para as subjetivações femininas através dos séculos. Junto à personagem central, perceberemos estratégias que representarão e expressarão de modo inovador a importância do conjunto de mulheres que conformam o núcleo relacional e ministerial de Jesus³. Desse núcleo, será destacado o papel de Maria de Magdala na conformação de crenças, valores e comportamentos do jovem rapaz – Jesus –, que encabeçará um movimento social capaz de fomentar a criação de novas diretrizes religiosas, sociais e políticas tanto para a sua época quanto para épocas posteriores.

Se nos evangelhos canônicos, por meio da história interpretativa dos textos, foi dado a Maria de Magdala ocupar seu lugar cativo na exemplaridade que se deve ter com comportamentos excluídos do *ethos* social da época, nesse romance de Saramago, provavelmente

influenciado pelos movimentos feministas, ela terá um papel intensificado e diferenciado: acompanhará Jesus – e ele a acompanhará - praticamente em todas as suas ações e sensações de foro subjetivo, sempre em processo de formação, e no campo social estendido⁴. Sabemos, de acordo com os textos sagrados do Cristianismo, que, ao fim de sua vida, ela será aquela figura que mais está próxima do Cristo crucificado e ressurreto (Mc 15,40-16,11; Mt 27,55-28,10; Lc 23,49.55-24; 24,12.22-24; Jo 19,25-27; 20,1-18), como o autor mostra:

As mulheres sobem ao lado de Jesus, umas tantas aqui, umas tantas ali, e Maria de Magdala é a que mais perto vai, mas não pode aproximar-se porque não a deixam os soldados, como a todos e todas não deixarão passar nas proximidades do local onde estão levantadas três cruzes (SARAMAGO, 2010, p. 258).

A maior proximidade com a figura central – Jesus - demonstra como essa personagem será construída no intuito de se discutir possibilidades de reconstrução do papel da mulher em textualidades fundadoras de nossa cultura. Junto com isto, busca-se outras formas de criar condições para refletirmos sobre temas caros aos movimentos feministas, em relação à importância acional dessas subjetividades que estão intrinsecamente conectadas ao gênero masculino histórico e aos demais gêneros humanos possíveis.

Pretendemos, dado o quadro inicial, observar e refletir sobre a construção de condições e situações que nos explicitam as possibilidades da insurgência dos poderes transversais do feminino estendido, bem como ocorrem, de modo literário e pragmático, as subjetivações nômades e fronteiriças dessa personagem, escolhida para foco, em contato com certas tradições que se abrem do campo artístico para campos variados de nossas potências discursivas e vivências contemporâneas. Para isso, ficaremos atentos às dinâmicas de mobilidades de várias naturezas, tais como as comportamentais, espaciais e sobretudo aquelas que dizem respeito ao câmbio incessante de papéis sociais tradicionais e/ou de rupturas de ordens diversas.

PODERES TRANSVERSAIS DO FEMININO TRANSVERSAL

A narrativa de Saramago se inicia *in finis res*, quando somos apresentados à crucificação de Jesus Cristo. O quadro clássico é reconstituído de modo a dar maior importância ao conjunto de mulheres que o seguiu, como observamos neste fragmento:

Ora, este José de Arimateia é aquele bondoso e abastado homem que ofereceu os préstimos de um túmulo seu para nele ser depositado o corpo principal, mas a generosidade não lhe servirá de muito na hora das santificações, sequer das beatificações, pois não tem, a envolver-lhe a cabeça, mais do que o turbante com que sai à rua todos os dias, ao contrário desta mulher que aqui vemos em plano próximo, de cabelos-soltos sobre o dorso curvo e dobrado, mas toucada com a glória suprema duma auréola, no seu caso recortada como um bordado doméstico. De certeza que a mulher ajoelhada se chama Maria, pois de antemão sabíamos que todas quantas aqui vieram juntar-se usam esse nome, apenas uma delas, por ser ademais Madalena, se distingue onomasticamente das outras, ora, qualquer observador, se conhecedor bastante dos factos elementares da vida, jurará, à primeira vista, que a mencionada Madalena é esta precisamente, porquanto só uma pessoa como ela, de dissoluto passado, teria ousado apresentar-se, na hora trágica, com um decote tão aberto,

e um corpete de tal maneira justo que lhe faz subir e altear a redondez dos seios, razão por que, inevitavelmente, está atraindo e retendo a mirada sôfrega dos homens que passam, com grave dano das almas, assim arrastadas à perdição pelo infame corpo. É, porém, de compungida tristeza a expressão do seu rosto, e o abandono do corpo não exprime senão a dor de uma alma, é certo que escondida por carnes tentadoras, mas que é nosso dever ter em conta, falamos da alma, claro está, esta mulher poderia até estar inteiramente nua, se em tal preparo tivessem escolhido representá-la, que ainda assim haveríamos de demonstrar-lhe respeito e homenagem (SARAMAGO, 2010, p. 8)⁵.

A generosidade de José de Arimateia é contrastada e complementada pela descrição da presença de Maria Madalena. Essa personagem será atualizada por Saramago de modo engenhoso, na figura de Maria de Magdala que será uma epítome das mulheres, cujas ações demonstram relativos poderes de comportamentos ativos sobre as relações sociais que performam os núcleos acionais dessa narrativa.

Junto à constrição inerente ao quadro das mulheres que acompanham e velam Jesus, a personagem é descrita em suas virtudes espirituais e também em sua corporeidade irremediavelmente humana, sem que, no entanto, lhe sejam coladas ao corpo característica de exclusão quanto ao seu gênero e à sua profissão. A narrativa destaca um erotismo corporal e a firme empatia e compaixão da personagem ao amparar Maria, a mãe de Jesus. Tal descrição de ímpeto de decisão perante circunstâncias do cotidiano também é dada, nesse romance, à mãe de Jesus, quando ocorre a gravidez miraculosa de seu primeiro filho⁶.

Ficamos atentos, dessa forma, às novidades comportamentais femininas que Saramago vai oferecendo nessa atualização dos evangelhos que teria a figura de Jesus como mola propulsora para o enredo. E de fato isso ocorre. Acompanharemos essa personagem Jesus do momento de sua concepção milagrosa ao calvário, onde, conforme Saramago, far-se-á um balanço do surgimento e da consolidação do Cristianismo como religião institucionalizada e difundida por várias culturas da aldeia global. No entanto, a vontade divina será flexibilizada e complementada também pelas vontades humanas, sejam homens, mulheres e qualquer outra subjetividade em formação constante.

Os tempos formativos das subjetividades de Jesus que os textos canônicos não preenchem - grande parte de sua infância, adolescência e juventude - serão preenchidos artisticamente por Saramago, que, preponderantemente, coloca o princípio feminino como decisivo vetor constitutivo. Mesmo que longa extensão do enredo seja tomada pelas estórias entre Jesus e seu singular tutor, o pastor/diabo que representaria o lado das falibilidades e pontos de vistas diferentes dos seres humanos quanto ao projeto divino que é a construção da humanidade, outra grande dimensão do enredo é dada pelas relações psicossociais que Jesus passa a manter com Maria de Magdala. Ao sair da casa de sua família, após o assassinato de seu pai José pelo governo romano, e conviver com esse tutor que lhe contará das estórias dos humanos falíveis e questionadores dos desígnios divinos, Jesus chegará à cidade de Magdala, onde conhecerá a prostituta Maria de Magdala, assim apresentada no romance⁷. Vejamos como se inicia e minimamente se desenvolve esse célula acional:

No dia seguinte, Jesus despediu-se dos primeiros amigos que criara nos seus dezoito anos de vida, e, de farnel aviado, virando costas a este mar de Genesaré, onde, ou muito se enganava, ou lhe fizera Deus um sinal, orientou enfim os passos para as montanhas,

caminho de Nazaré. Quis, porém, o destino que, passando ele pela cidade de Magdala, se lhe rebentasse ali, do pé, uma ferida que andava renitente em sarar, e em tal jeito que parecia o sangue não querer estancar-se. Também quis o destino que o perigoso acidente tivesse ocorrido à saída de Magdala, mesmo em frente, por assim dizer à porta, de uma casa que ali havia, afastada das outras, como se não quisesse aproximar-se delas, ou elas a repelisses. Vendo que o sangue não dava mostras de querer parar, Jesus chamou, Ó de dentro, disse, e, acto contínuo, uma mulher apareceu à porta, como se justamente estivesse à espera de que a chamassem, embora, por um leve ar de surpresa que começou por aparecer-lhe na cara, pudéssemos ser levados a pensar que estaria antes habituada a que lhe entrassem pela casa dentro, sem bater, o que, se bem considerarmos as coisas, teria menos razão de ser que em outro qualquer caso, pois esta mulher é uma prostituta e o respeito que deve à sua profissão manda-lhe que feche a porta de casa quando recebe um cliente. Jesus, que estava sentado no chão, comprimindo a desatada ferida, olhou de relance a mulher que se lhe acercava, Ajuda-me, disse, e, tendo segurado a mão que ela lhe estendia, conseguiu pôr-se de pé e dar uns passos, coxeando. Não estás em estado de andar, disse ela, entra, que eu trato-te dessa ferida (SARAMAGO, 2010, p. 158-9).

O projeto divino para este Jesus (que para nós, hoje, seria considerado adolescente, mas em seu contexto cultural já era adulto) transcorre, então, como fora programado originalmente e é colocado também ao lado dos encontros entre subjetividades, na simbologia das subjetivações psicossociais de Jesus e de Maria de Magdala, que estariam em certa situação paradoxal em relação aos planos iniciais. Pois mais que formar-se para ser o pastor de rebanhos para direções pré-estabelecidas, este Jesus ainda terá um entreato na sua formação para compreender as modalidades pelas/com as quais sua dimensão humana é constituída e como ela funcionaria de acordo com a mais básica naturalidade dos seres humanos.

O encontro com Maria de Magdala talvez seja dos mais engenhosos e incisivos elementos que Saramago recria/atualiza nas narrativas evangélicas, tomando por base os próprios evangelhos canônicos e apócrifos, bem como textos do Antigo Testamento. Aproximamo-nos, pois, como leitores(as) tomados por uma experiência radicalmente dialética, de modo mais intuitivo de uma dimensão humanitária do fenômeno religioso e cultural que essa potência pode simbolizar e expressar. Nosso 'adolescente' Jesus terá uma iniciadora nas experiências corporais e, sobretudo, na disposição de equidade e de reciprocidade entre o gênero humano masculino e feminino, sem que existam graus hierárquicos inflexíveis entre ambos.

O erotismo sublime do livro *Cântico dos Cânticos/Cantares*, do Antigo Testamento e, portanto, da tradição de Jesus, é desdobrado no encontro inicial e em seus desdobramentos entre Jesus e Maria de Magdala, que os planos divinos colocaram em situação de provação e dos quais ela também deseja coautoria. Jesus chega ferido à casa de Maria. De seu corpo verte sangue e ele sente dores humanas que poderiam lhe impedir a consecução de sua tarefa de mobilização redentora da humanidade. Na casa de Maria de Magdala é que receberá, como vimos no fragmento acima, ajuda e compaixão para a cura dessa ferida física, situação que também funciona como alegoria que evidencia sua abertura para compreender o mundo humano pela perspectiva da mulher que o acolhe. Eis o quadro:

Sabes quem sou, o que faço, de que vivo, Sei, Não tiveste mais que olhar para mim e ficaste a saber tudo, Não sei nada, Que sou prostituta, Isso sei, Que me deito com ho-

mens por dinheiro, Sim, Então é o que eu digo, sabes tudo de mim, Sei só isso. A mulher sentou-se junto dele, passou-lhe suavemente a mão pela cabeça, tocou-lhe na boca com a ponta dos dedos, Se queres agradecer-me, fica este dia comigo, Não posso, Porquê, Não tenho com que pagar-te, Grande novidade, Não te rias de mim, Talvez não creias, mas olha que mais facilmente me riria de um homem com a bolsa cheia, Não é só a questão do dinheiro, Que é, então. Jesus calou-se e voltou a cara para o lado. Ela não o ajudou, podia ter-lhe perguntado, És virgem, mas deixou-se ficar calada, à espera. Fez-se silêncio, tão denso e profundo que parecia que apenas os dois corações soavam, mais forte e rápido o dele, o dela inquieto com a sua própria agitação. Jesus disse, Os teus cabelos são como um rebanho de cabras descendo das vertentes pelas montanhas de Galaad. A mulher sorriu e ficou calada. Depois Jesus disse, Os teus olhos são como as fontes de Hesebon, junto à porta de BatRabim. A mulher sorriu de novo, mas não falou. Então Jesus voltou lentamente o rosto para ela e disse, Não conheço mulher. Maria segurou-lhe as mãos, Assim temos de começar todos, homens que não conheciam mulher, mulheres que não conheciam homem, um dia o que sabia ensinou, o que não sabia aprendeu, Queres tu ensinar-me, Para que tenhas de agradecer-me outra vez, Dessa maneira, nunca acabarei de agradecer-te, E eu nunca acabarei de ensinar-te. Maria levantou-se, foi trancar a porta do pátio, mas primeiro dependurou qualquer coisa do lado de fora, sinal que seria de entendimento, para os clientes que viessem por ela, de que se havia cerrado a sua fresta porque chegara a hora de cantar, Levanta-te, vento do norte, vem tu, vento do meio-dia, sopra no meu jardim para que se espalhem os seus aromas, entre o meu amado no seu jardim e coma dos seus deliciosos frutos. Depois, juntos, Jesus amparado, como fizera antes, ao ombro de Maria, esta prostituta de Magdala que o curou e o vai receber na sua cama, entraram em casa, na penumbra propícia de um quarto fresco e limpo (SARAMAGO, 2010, p. 161).

A humanidade, mesmo recebendo os sinais e diretrizes dos planos divinos, estaria ainda imersa em dúvidas sobre quais procedimentos tomar. Precariedade e provisoriedade humanas são características desse casal que, nesse encontro fértil, demonstra de modo franco e corajoso suas dúvidas, inseguranças e medos sobre decisões e ações que devem tomar. Nesse ponto, o engenho de Saramago nos coloca frente a contextos existenciais que nos são mais próximos do que aquelas textualidades e interpretações de natureza mítica e/ou religiosas que de tão institucionalizadas nos parecem de difícil alcance, compreensão e de exemplo e motivação para ações pragmáticas.

Nessa seara de sensações, sentimentos, instintos e de exercícios de descobertas corporais, é Maria de Magdala que em um ativo dialogismo parece dirigir e/ou orientar Jesus. De constituição profundamente lírica, vejamos essa ocorrência:

A cama não é aquela rústica esteira estendida no chão, com um lençol pardo lançado por cima, que Jesus viu sempre em casa dos pais enquanto lá viveu, esta é um verdadeiro leito como o outro de que alguém disse, Adornei a minha cama com cobertas, com colchas bordadas de linho do Egito, perfumei o meu leito com mirra, aloés e cinamomo. Maria de Magdala conduziu Jesus até junto do forno, onde o chão era de ladrilhos de tijolo, e ali, recusando o auxílio dele, por suas mãos o despiu e lavou, às vezes tocando-lhe o corpo, aqui e aqui, e aqui, com as pontas dos dedos, beijando-o de leve no peito e nas

ancas, de um lado e do outro. Estes roces delicados faziam estremecer Jesus, as unhas da mulher arrepiavam-no quando lhe percorriam a pele, Não tenhas medo, disse Maria de Magdala. Enxugou-o e levou-o pela mão até à cama, Deita-te, eu volto já. Fez correr um pano numa corda, novos rumores de águas se ouviram, depois uma pausa, o ar de repente tornou-se perfumado e Maria de Magdala apareceu, nua. Nu estava também Jesus, como ela o deixara, o rapaz pensou que assim é que devia estar certo, tapar o corpo que ela descobrira teria sido como uma ofensa. Maria parou ao lado da cama, olhou-o com uma expressão que era, ao mesmo tempo, ardente e suave, e disse, És belo, mas para seres perfeito, tens de abrir os olhos. Hesitando, Jesus abriu-os, imediatamente os fechou, deslumbrado, tornou a abri-los e nesse instante soube o que em verdade queriam dizer aquelas palavras do rei Salomão, As curvas dos teus quadris são como jóias, o teu umbigo é uma taça arredondada, cheia de vinho perfumado, o teu ventre é um monte de trigo cercado de lírios, os teus dois seios são como dois filhinhos gémeos de uma gazela, mas soube-o ainda melhor, e definitivamente, quando Maria se deitou ao lado dele, e, tomando-lhe as mãos, puxando-as para si, as fez passar, lentamente, por todo o seu corpo, os cabelos e o rosto, o pescoço, os ombros, os seios, que docemente comprimiu, o ventre, o umbigo, o púbis, onde se demorou, a enredar e a desenredar os dedos, o redondo das coxas macias, e, enquanto isto fazia, ia dizendo em voz baixa, quase num sussurro, Aprende, aprende o meu corpo. Jesus olhava as suas próprias mãos, que Maria segurava, e desejava tê-las soltas para que pudessem ir buscar, livres, cada uma daquelas partes, mas ela continuava, uma vez mais, outra ainda, e dizia, Aprende o meu corpo, aprende o meu corpo (SARAMAGO, 2010, p. 161-2).

Humanizado, o casal é disposto nos elos de uma coexistência, na qual cada um vive para o outro de modo igualitário, sem que Jesus/Messias imponha à mulher condições e normas apriorísticas. Ao contrário, o casal constrói, em conjunto, condições vivenciais, sendo que nesse momento, Maria de Magdala cumpre dialogicamente o papel ativo de mostrar universos existenciais que aquele Jesus não teve condições de apreender no seio de sua família e das comunidades pelas quais passara anteriormente.

De acordo com a narrativa de Saramago, Maria e Jesus ficaram por oito dias nessa intensa relação amorosa, na cidade de Magdala. O exercício de conhecimento e de reconhecimento recíprocos é composto de gestos, descobertas, surpresas, murmúrios... invenções capazes de deslocar preconceitos que dizem respeito à ordem estabelecida. Jesus não a julgará pela profissão que ela tinha e pela sua condição historicamente inferiorizada de mulher. Maria não o julgará pelo fato de ele não compreender ainda algumas dimensões relativamente desumanas, que o projeto divino, segundo a ótica crítica de Saramago, lhe impõe.

Em um primeiro momento, poderíamos pensar que Maria de Magdala está cumprindo um tradicional papel de 'formação', em sociedades conservadoras, quanto às questões de sexualidade e de gênero. Seria, pois, a prostituta que exemplarmente inicia sexualmente um homem, desaparecendo, depois, de sua vida e voltando para sua condição de subjetividade, excluída pelo *establishment*. No entanto, essa percepção se esvai, quando observamos o valor das influências que suas ações terão na vida desse Jesus, especialmente por ele ter permanecido tantos dias na casa dela. Não foi apenas uma 'introdução' na vida sexual... Se Jesus permaneceu, Maria sairá de seu lugar: serão peregrino e peregrina em relação de amor recíproco. Mais que seguir supostos impulsos de compaixão unilateral, que nossa cultura nos ensina a acreditar

quanto às ações femininas, Maria de Magdala sairá de sua casa para seguir Jesus, tendo inclusive influências importantes na formulação de seus ensinamentos. Principalmente nesse caso da compaixão desinteressada, que passa a ser virtude também do universo masculino, flexibiliza-se o machismo tradicional da cultura da época. Em Jesus, também nos evangelhos canônicos, temos experiências de formação de outras masculinidades, que estão suscitando novas pesquisas.

Na contemporaneidade, em que também homens buscam (re)construir outras/novas masculinidades, este torna-se elemento importante. Junto com isto, notamos que Saramago oferece – demonstrando dialogicidade com os movimentos sociopolíticos – certa performatividade textual semelhante àquela desejada, construída e consolidada, em séculos de lutas, por tantos movimentos feministas, em suas buscas por equanimidade de direitos e de deveres entre homens e mulheres de todas as mat(r)izes. De forma dialética, e sem ranços de dinâmicas de exclusão por qualquer que seja a parte, Saramago oferece uma textualização, na qual a corporeidade feminina, em sua produção de subjetividades intrínsecas e contingenciais, é mostrada em condições sexuadas e relacionadas de modo crítico a suas existências possíveis, tradicionais e revolucionárias.

Maria de Magdala rompe a lógica da personagem subalternizada pelos objetivos centrais ditados pela personagem protagonista tradicional, Jesus, quando ele não se atenta criticamente para o trabalho que lhe espera pela frente. Mesmo que o romance dê a essa potente figura destaque quantitativo e qualitativo, como o próprio título indica, presenciamos uma liberação político-cultural quanto ao papel do gênero feminino. Lembremo-nos, aqui, da reflexão que Luce Irigaray⁸ faz sobre essas constituições subjetivas e acionais dispostas pela alteridade entre os seres humanos em sua dimensão de gênero e de posicionamentos políticos. Quanto ao feminino/feminismo em relação a alteridade ontologicamente constitutiva, ela afirma:

Realizar sua liberação implica [...] que reconheçam o outro como outro, sob pena de retomar o círculo de um sujeito único. Reconhecer o homem como outro representa assim uma tarefa ética a sua medida, certamente, mas igualmente uma indispensável etapa da afirmação de sua autonomia. Além disto, o uso do negativo para realizar esta tarefa permite-lhes passar de identidade natural a identidade cultural e civil, sem negar sua/suas natureza/s graças ao pertencimento a um gênero. Este negativo intervirá, a partir disto, em todas as relações com o outro: em palavras, como “Eu te amo - você” – mas da mesma forma, na percepção pelo olhar ou na escuta, e mesmo no toque (IRIGARAY, 2012, p. 11-2).

A suposta unicidade circular do sujeito pode ser questionada por uma representação e expressão literárias que desconstrói e reinventa personalidades que nos são caras, do ponto de vista cultural, religioso e político. Tratamentos éticos entre os gêneros são dispostos exemplarmente nessa relação profícua que é estabelecida entre Jesus e Maria de Magdala. Um dos fatores que baseiam tal relação talvez seja o da mobilidade espacial e subjetiva, que Saramago percebe e persegue nos textos canônicos e apócrifos para a recriação e atualização encetadas por seu romance.

MOBILIDADES NÔMADES INTERCONECTADAS ENTRE OS GÊNEROS

Quando Jesus chega à casa de Maria de Magdala, aparentemente o seu único objetivo era a busca da cura de uma ferida física que lhe incomoda, impedindo-o de seguir suas andanças ainda de formação identitária⁹. Essa cura poderia ser feita pela mulher que lhe

transmite a impressão de possuir a piedade necessária para isso, apesar ou talvez exatamente por causa do lugar social que ela está a ocupar. Eis o fragmento:

Só te peço que me ates a ferida de modo a poder chegar a Nazaré, depois lá me trata, ia a dizer, Minha mãe trata-me, mas emendou porque não queria parecer aos olhos desta mulher como um rapazinho que, por dar uma topada numa pedra, vai a chorar, Mãezinha, mãezinha, à espera do afago, um sopro suave no dedo ofendido, um toque dulcificante dos dedos, Não é nada, meu menino, já passou. Daqui a Nazaré ainda tens muito que andar, mas se é assim que queres, espera só que te ponha um unguento, disse a mulher, e entrou em casa, onde iria demorar-se um pouco mais que antes (SARAMAGO, 2010, p. 159).

Ao mesmo tempo que é instada a cuidar desse Jesus, Maria de Magdala o questiona também em relação ao que mais produtivamente ela poderia fazer por ele. Como refletimos anteriormente, ela o iniciará na compreensão, auto-compreensão e co-compreensão de sua corporeidade no encontro inclusivo e respeitoso entre os gêneros. Chama-nos a atenção, nessa altura de nosso estudo, os aspectos pertinentes à mobilidade praticamente nômade¹⁰ que notamos nesse fragmento, ou seja, Jesus está frequentemente andando de um lugar para outro nas espacialidades físico-culturais judaicas, como bem o demonstram também os evangelhos (Mc 1,12-14.16.21.35.39; 2,1.13; 3,7.13; 5,20-21; 7,24; 8,22.27; 9,30.33; 10,1.32.46; 11,1.12.15.27, entre muitos outros). Essa característica de não enraizamento em um território específico pode ser considerado também como um marcador psicossocial singular na formação tanto de Jesus quanto de Maria de Magdala sob a recriação de Saramago.

Se no caso de Jesus já temos muitos elementos para caracterizar certo nomadismo regional e mesmo identitário, Saramago aguça nossa percepção acerca de textos sagrados, observáveis neles próprios, quando compõe a figura feminina que focalizamos nesse estudo. Maria de Magdala nos é dada como Maria, irmã de Lázaro e de Marta: oriunda de Betânia. De acordo com Saramago, pelos planos divinos, ela se aparta de sua família, de sua cidade e se dirige à cidade de Magdala, onde trabalhará como prostituta em um bairro que funciona como conhecida zona de meretrício.

É nesse local e contexto que recebe Jesus, interagindo de modo ativo com ele e seguindo-o, então, em toda a complexa rede de seus ministérios posteriores. É, pois, após conhecer e interagir ativamente com este Jesus em formação, que Maria de Magdala não se satisfará em permanecer no lugar, esperando talvez pela volta daquele com o qual estabelecera cumplicidade e outros vínculos coexistenciais indissolúveis. A ânsia para tais desenraizamentos espacial e identitário pode ser acompanhada no fragmento:

[...] algumas vezes, ao princípio, Jesus disse a Maria, Esta vida não te convém, busquemos uma casa que seja nossa e eu irei estar contigo sempre que seja possível, ao que Maria respondeu, Não quero esperar-te, quero estar onde estiveres. e ela disse que tinha um irmão e uma irmã vivendo na aldeia de Betânia de Judeia, ela Marta, ele Lázaro, mas que os deixara quando se prostituíra e, para que não se envergonhassem dela, fora para longe, de terra em terra, até chegar a Magdala. Então o teu nome deveria ser Maria de Betânia, se lá nasceste, disse Jesus, Sim, foi em Betânia que nasci, mas em Magdala é que me encontrei, por isso de Magdala quero continuar a ser, A mim não me chamam Jesus de Belém, apesar de em Belém ter nascido, de Nazaré não sou porque nem me querem eles nem os quero eu, talvez devesse chamar-me Jesus de Magdala, como tu, pela mesma razão, Lembra-te de que queimámos a casa, Mas não a memória, disse Jesus. De voltar Maria a Betânia não se falou mais, esta borda

do mar é para eles o mundo inteiro, onde quer que o homem esteja, estará com ele a obrigação (SARAMAGO, 2010, p. 190).

A priori, pelo pedido que Jesus faz para que a mulher abandone casa e profissão, poderíamos pensar que ele executa um hábito notoriamente machista de sua cultura. No entanto, no decorrer da narrativa, ele revê esse preconceito de gênero e de cultura, revelando empatia com a posição social, à qual a mulher fora submetida. Ela lhe explicará, mais adiante e na perspectiva de Saramago, que essa condição lhe fora imposta por planos metafísicos que ela não compreendera até conhecê-lo, concretizando parte de sua formação, no que diz respeito à sua compleição humanizada.

O casal imerge, portanto, naquela mobilidade semelhante aos movimentos dos povos nômades, indo de cidade em cidade do território judeu (THEISSEN, 2011). Seja para rever parentes e amigos, demonstrando a nova vida que levavam, seja para comercializar (seus) produtos (RICHTER REIMER, 2013), seja para efetivar os planos divinos, agora imbricados pelos planos também humanizados na equidade dos lugares sociais construídos pelas subjetivações masculina e feminina. Essa parceria, lastreada pela igualdade de deveres e direitos, é explicitada mais ainda, quando Jesus inicia sua missão de ‘pastoreio’ cultural, religioso e político, como acompanhamos nesse fragmento:

Vamo-nos, Maria, os barcos estão a sair para a pesca, os cardumes reúnem-se, é tempo de ceifar esta seara. Já se afastavam quando Tiago gritou, Jesus, tenho de dizer à nossa mãe quem é essa mulher, Diz-lhe que está comigo e se chama Maria, e a palavra ecoou entre as colinas e sobre o mar (SARAMAGO, 2010, p. 187).

O casal inicia a ‘ceifa da seara’ em uma multiplicidade de espaços e de segmentos sociais. Aos arranjos familiares tradicionais dessas espacialidades Jesus responderá sobre aquela inusitada companheira de empreendimentos vastos e complexos: “Diz-lhe que está comigo e se chama Maria”.

Já não há a necessidade de se voltar para uma casa familiarista, quando esses espaços vastos, variados e complexos abrem-se para a missão de Jesus, que não vive de modo individualizado na consecução de seu projeto humanizado, imbricado pelo que seria o projeto divino maior. Trata-se aí de um casal conformado à maneira daqueles nômades, acerca dos quais também esclarecem Deleuze e Guattari (1997, p. 42), em seu tratado sobre a nomadologia, condição de mobilidade geográfica e psicossocial, tida como elemento produtor de subjetivações variadas e transversais:

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. O ponto de água só existe para ser abandonado, e todo ponto é uma alternância e só existe como alternância. Um trajeto está sempre entre dois pontos, mas o entre-dois tomou toda a consistência, e goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é intermezzo. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não pára de mobilizá-los (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 42).

Na área de estudos exegéticos, Theissen (1987; 2011) caracteriza tais movimentos de ‘carismáticos itinerantes’, especificamente o movimento de Jesus, a partir de textos dos evangelhos, especificando-o e à sua práxis como marcados por um “*ethos* radical de não morar num só lugar, não ter propriedade, manter distância em relação à família e viver em insegurança/sem proteção” (THEISSEN, 2011, p. 101-2, tradução livre).

Condição coexistencial desse *intermezzo* será então a disposição atingida por Jesus, quando passa a viver também sob influências ativas que Maria de Magdala lhe propicia. Saramago, desse modo, (re)produz um Jesus nômade, seja por influência do pastor (alegoria da humanidade perdida¹¹, mas possível de ser resgatada em outras ordenações), seja pela companhia empática que o princípio feminino/feminista, representado e expresso por Maria de Magdala.

Os variados trajetos a serem percorridos pelo casal, por vezes, será a razão de ser de seu ministério. O processo cola-se, portanto, ao produto atingido (conversões necessárias ao novo projeto religioso/cultural na sociedade judaica), o que insufla o caráter de reflexão constante sobre as atividades executadas. O fim representado pela redenção planejada, capaz de produzir nova matriz religiosa, e escrita na atemporalidade metafísica, recebe a influência da temporalidade provisória, na qual a humanidade se encontra lançada de modo relativamente arbitrário. Metáfora dessa transitoriedade nômade é representada pelos ensinamentos/experiências acerca das fisicidades corpóreas que Maria de Magdala oferece/vivencia com Jesus. Vejamos como Saramago dá essa perspectiva de subjetivações nômades:

Jesus adormeceu com a cabeça no ombro de Maria, respirando sobre o seu seio. Ela ficou acordada em todo o resto da noite. Doía-lhe o coração porque a manhã não tardaria a separá-los, mas a sua alma estava serena. O homem que repousava a seu lado era, sabia-o, aquele por quem tinha esperado toda a vida, o corpo que lhe pertencia e a quem o seu corpo pertencia, virgem o dele, usado e sujado o dela, mas há que ver que o mundo tinha começado, o que se chama começar, faz apenas oito dias, e só esta noite é que se achou confirmado, oito dias é nada se os compararmos a um futuro por assim dizer intacto, de mais sendo tão novo este Jesus que me apareceu, e eu, Maria de Magdala, eu aqui estou, deitada com um homem, como tantas vezes, mas agora perdida de amor e sem idade (SARAMAGO, 2010, p. 165-6).

A prevista separação do casal, ditada pelas conformidades do decoro psicossocial da época, não ocorre como se esperaria. Ao contrário, o casal queima a casa de Maria de Magdala e conjuntamente dá curso aos oito dias de iniciação subjetiva para ambos. Os corpos dos dois - mais que pertencerem a corporeidades fixadas em espaços predeterminados - serão lançados nas caminhadas e atividades que desempenharão em conjunto, como mulher e homem no nomadismo libertário e desconstrutor de preconceitos e demais limitações da vida conjunta. Isso ocorre, mesmo que certa representação negativa - rastreada e explorada em textos canônicos e não canônicos por Saramago - da divindade maior exija que Jesus se encontre com ele para finalizar seu plano de produção da nova religião do Cristianismo, como lemos no fragmento:

É tempo de que Jesus se sente nesta pedra que aqui está à sua espera desde que o mundo é mundo, e nela sentado chore lágrimas de abandono e de solidão, quem sabe se o Senhor

não resolverá aparecer-lhe outra vez, mesmo que seja em figura de fumo e de nuvem, a questão é que lhe diga, Homem, o caso não é para tanto, lágrimas, soluços, que é isso, todos nós temos os nossos maus bocados, mas há um ponto importante de que nunca falámos, digo-to agora, na vida, percebes, tudo é relativo, uma coisa má até pode tornar-se sofrível se a compararmos com uma coisa pior, portanto enxuga-me essas lágrimas e porta-te como um homem, já fizeste as pazes com o teu pai, que mais queres, e essa cisma da tua mãe, eu me encarrego quando chegar a altura, o que não me agradou muito foi a história com a Maria de Magdala, uma puta, mas enfim, estás na idade, aproveita, uma coisa não empata a outra, há um tempo para comer e um tempo para jejuar, um tempo para pecar e um tempo para ter medo, um tempo para viver e um tempo para morrer (SARAMAGO, 2010, p. 175-6).

Na acepção de um figura divina que apenas lastreie e represente cosmovisões humanas excludentes em relação aos diferentes gêneros, Maria de Magdala continuaria na sua posição de subjetividade excluída e invisibilizada no tal projeto metafísico e cultural maior. No entanto, Saramago recria e atualiza os dispositivos religiosos e culturais contidos nos evangelhos, e, em suas várias modalidades em formas de palimpsestos, oportuniza novos horizontes e perspectivas hermenêuticas (FERRAZ, 2012a, p. 149-203). Se, sob ótica tradicionalmente masculinista e, por vezes, machista, a mulher em questão é tida apenas como uma prostituta responsável pela iniciação sexual de um judeu, na perspectiva de Saramago, trata-se de uma mulher prostituída capaz de desconstruir os rigorosos equívocos de tal *ethos* psicossocial, seja ele de tradições antigas, seja das nossas contemporâneas.

Grande parte dessa des/re/construção de lugares psicossociais, no romance de Saramago, ocorre em função dos esforços para se colocar, de modo estratégico e político, os papéis exercidos pelos gêneros humanos em condições de síntese disjuntiva inclusiva. Pretende-se, desse modo, tanto no campo ficcional quanto no factual que lhe é decorrente, dispor personagens com ações práticas questionadoras e ativas perante os universos existenciais que lhes são dados/impostos de modo histórico e, de forma recorrente para tantos segmentos sociais, arbitrários perante suas capacidades e vontades.

DESENLACES

Quando contestada por Jesus quanto à sua crença nas verdades que ele estava sistematizando, no primeiro encontro que têm, Maria de Magdala lhe revela fatos e crenças de sua vida, que também estava disposta nos planos divinos, e certa possibilidade de construção da nova religião que seria concretizada pelo sacrifício a ser feito por esse Jesus que conheceu. Para surpresa de Jesus, ela lhe dá uma visão das coisas futuras, nas quais ela se dispõe a ficar ao seu lado em qualquer contexto. Nesse momento, percebemos a consciência de sua condição feminina de exclusão e as possibilidades do acordo da convivência igualitária que será capaz de transformar tais limitações:

Se eu não acreditasse em ti, não teria de viver contigo as coisas terríveis que te esperam, E como podes saber tu que me esperam coisas terríveis, Não sei nada de Deus, a não ser que tão assustadoras devem ser as suas preferências como os seus despezos, Onde foste buscar tão estranha ideia, Terias de ser mulher para saberes o que significa viver com

o desprezo de Deus, e agora vais ter de ser muito mais que um homem para viveres e morreres como seu eleito (SARAMAGO, 2010, p. 178-9).

Maria de Magdala contará a Jesus sobre os avisos divinos que tivera em relação à sua condição de prostituta, colocada, portanto, à margem da sociedade tradicional conservadora que, de certa forma, tolera tal função, mas não a admite no seio dos protocolos e ritos familiaristas. Nessa altura dos desdobramentos dos acontecimentos diegéticos, Saramago hipostasia a situação de que a função de tal mulher será primordialmente a de flexibilizar a percepção de relações entre gêneros humanos que o projeto de criação da nova religião, o Cristianismo, poderia/deveria assumir, quando se baseia no princípio da radical empatia/compaixão dos dispositivos de produção de subjetividades.

Por fim, ao lados de tantas outras densas e complexas temáticas teológicas, culturais, políticas e sociais que tal romance nos transmite, ressoa aos nossos ouvidos a afirmação que Maria de Magdala faz ao seu companheiro: “Pois eu digo-te que Maria de Magdala estará ao pé de ti, prostituta ou não, quando precisares dela” (SARAMAGO, 2010, p. 165). Ao que Jesus responde não ser digno desse merecimento.

Concluimos, por ora, esse estudo de um dos textos literários mais engenhosos e complexos de nossa literatura de Língua Portuguesa, baseado na cultura ocidental cristã e em textos sagrados da mesma. Trata-se de um texto literário, no qual José Saramago recria/atualiza, de modo dialógico e com base em pressupostos também de seu costumeiro materialismo histórico, fatos discursivos de natureza religiosa, mítica, histórica e cultural que baseia muitas de nossas sociedades ocidentais, no decorrer de milênios.

Nesse palimpsesto literário que se derrama para nossas realidades factuais contemporâneas, tentamos seguir estratégias discursivas que intentam demonstrar produções de subjetividades transversais nas engenharias dos gêneros humanos. Tais engenharias reconstroem a figura singular de Maria de Magdala, colocando-a em condições semelhantes à da faceta humana de Jesus, que aprende a executar projetos relativamente alheios à sua vontade, com a exigência de certa coautoria. Portanto, junto com Jesus, ela protagoniza na criação de uma nova humanidade, pautada em relações não hierárquicas em todas as suas dimensões.

Saramago, assim, segue no seu hábito de dar voz e lugares flexíveis a personagens diminuídas e/ou invisibilizadas em nossos arquivos de dados e heranças históricos, religiosos e culturais. Nesse aspecto, a figura de Jesus, junto com Maria de Magdala, parece sobressair mais complexa e humana, próxima de nossas representações e expressões contemporâneas, quando lutamos por equidade de direitos e deveres, entre tantos outros marcadores sociopolíticos, no campo de nossas relações interpessoais contemporâneas.

As regiões sombrias da ontologia, das quais Butler (2002) escrevia em uma das epígrafes desse estudo, em exemplos de textualidades literárias e de razões práticas expressas por esse romance, evidenciam a necessidade que temos de discutir a contrariedade, ambiguidade e complexidade pelas quais somos educados(as), via códigos de condutas exclusivistas e reacionárias, que tem a ver com certos tipos de corporeidades e sexualidades. Ao contrário de tais convivências movidas por exclusão real ou simbólica, Saramago, com releitura de um dos elementos mais caros de nossa tradição cultural, representa e expressa contextos nos quais a dinâmica da inclusão é de caráter ontológico aos seres humanos, a qual, de tempos em tempos, tem a necessidade urgente de ser acionada e lembrada publicamente.

TRANSVERSAL MOBILITIES OF MARY OF MAGDALA IN THE *GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST*, BY JOSÉ SARAMAGO

Abstract: *“What you teach me, it is not prison, it is freedom” (SARAMAGO, 2010, p.163) is one of several reflections that Jesus, lyrically recreated by José Saramago, does to Maria de Magdala in his novel O Evangelho Segundo Jesus Cristo (2010). The actional context corresponds to the love relationship that begins between the couple and that will be extended throughout the narrative. We will reflect in this study on aspects of the construction of this singular, and at the same time collectivized female figure, constructed dialogically and critically in relation to the canonical texts. We will follow the political-cultural strategies that Saramago uses for the production of molecular powers of the extended feminine, as well as the mechanisms of production of nomadic and frontier subjectivities in this literary field that has pragmatic links with cultural devices of varied religious spectrums.*

Keywords: *José Saramago. The “Gospel according to Jesus Christ”. Mary of Magdala. Productivity of subjectivity.*

Notas

- 1 Para análises sob enfoques teórico-analíticos diferentes e/ou complementares ao que seguimos em nosso estudo, queira acompanhar os exemplos de Biziak (2015), Lourenço (2015), Ferraz (2012), Araújo (2011), Bridi (2005), Silva (1989). Vale destacar, aqui, que Ferraz (2012a, p. 152) inclusive nomeia o livro de ‘quinto evangelho’ e o narrador, de ‘evangelista’. Para ela, um recurso narrativo nas obras de Saramago é a “paródia [de textos evangélicos] e a intercontextualidade [como] procedimentos estéticos [para obter] aceitação ou rejeição por parte do leitor” (p. 157).
- 2 O autor é tido, inclusive através de relatos autobiográficos, como politicamente avesso a institucionalização dos fenômenos religiosos feitos de modo inflexível. No entanto, optamos por perceber essa obra literária de José Saramago, bem como suas posturas político-culturais, como semelhante às refletidas por Arthur Schopenhauer (2005) e por Ludwig Feurbach (2007), quando esses pensadores atestam sua crença em dimensões metafísicas inerentes ao ser humano, colocando-as em um plano investigativo crítico em relação às multifuncionalidades nas quais determinadas produções institucionais colocam tais potências.
- 3 Acerca deste tema, ver estudos feitos por exegetas teólogas feministas brasileiras, exemplarmente em Souza (2017) e em vários artigos e livros de Ivoni Richter Reimer (p.ex. 2013), com bibliografias.
- 4 Por campo social estendido, acompanhamos as reflexões que o sociólogo Zygmunt Bauman (2007) tece sobre as relações de coexistências modernas e contemporâneas. O autor baseia essa reflexão na ideia do comprometimento que as pessoas são ensinadas a ter umas com as outras. Assim, são diferenciados os graus de empatia e de empenhos em se compreender e se envolver com outras vidas que não as nossas, que vão da despreocupação completa ao envolvimento completo com as demais subjetividades que conformam as nossas identidades em curso formativo, bem como o tecido psicossocial no qual estamos inseridos.
- 5 Queira observar os procedimentos linguísticos utilizados, de modo recorrente, por Saramago no que diz respeito à pontuação de seu texto. Tal estratégia parece ser de caráter político, pois o autor faz frente aos princípios normalizadores da língua oficial, no sentido de lhe apresentar possibilidades outras de expressão, com todo o corolário de resistência e de liberdade que disso surge.
- 6 Não trataremos, aqui, dessa personagem, Maria mãe de Jesus. Para tal, ver alguns fragmentos em Saramago (2010, p. 19, 25 e 73), que apontam para a reconstrução do papel feminino, também em relação à sexualidade e à família, apresentando mulheres em atitudes positivas e proativas. A este respeito, em relação à exegese de textos do Novo Testamento na reconstrução de história de mulheres, ver também Richter Reimer (2013).
- 7 Em outro momento, propomo-nos a tecer considerações e análises dos textos evangélicos que apresentam a personagem Maria de Magdala, bem como da história interpretativa dos mesmos, que foram construindo uma ‘outra’ Maria, usada para consolidar uma imagem negativa da mulher e para desautorizar ministérios igualitários femininos na igreja e na sociedade.
- 8 Ao lado das reflexões feministas de Luce Irigaray (2012), quanto às semelhanças e dessemelhanças

necessariamente não excludentes entre os gêneros, lembramo-nos também das reflexões de Judith Butler em seus estudos sobre o tema. Segundo ela: “Pensar os corpos diferentemente me parece parte da luta conceitual e filosófica que o feminismo abraça, o que pode estar relacionado também a questões de sobrevivência. A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia. Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constroem nossos corpos no mundo; então eu tento, quando posso, usar minha imaginação em oposição a essa ideia. Portanto, não é um diagnóstico, e não apenas, e muito menos uma história, mas um outro tipo de trabalho que acontece no nível de um imaginário filosófico, que é organizado pelos códigos de legitimidade, mas que também emerge do interior desses códigos como a possibilidade interna de seu próprio dismantelamento (BUTLER, 2002, p. 157-158). Também, nesse campo dos estudos feministas, estamos perspectivados pelas pesquisas e ativismos de Braidoti (2012; 2011), Hirata (2009) e Heilbrun (1988).

- 9 Praticamente impossível não lembrar do dito de Jesus, em Lc 4,23: “Médico, cura a ti mesmo!”, frente à sua atuação terapêutica e taumatúrgica, de acordo com os evangelhos. Acerca de terapeutas e da medicina antiga no contexto de Jesus, ver Richter Reimer (2008).
- 10 A este respeito, ver Theissen (2011) para estudos científicos de textos sagrados em perspectiva histórico-social.
- 11 Ver a este respeito a parábola do ‘Bom Pastor’ (Mt 18,10-14; Lc 15,3-7) e seu comentário exegético em Carter (2002) e Janssen e Lamb (2012).

Referências

- ARAÚJO, Joseane de Jesus Pereira. Jesus Cristo humanizado em “O evangelho segundo Jesus Cristo”: releitura crítica da história bíblica. *Revista Graduando*, n. 2 jan./jun., 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *A vida fragmentada: ensaios sobre a Moral Pós-Moderna*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2007.
- BIZIAK, Jacob dos Santos. *Entre o claro e o escuro: uma poética da angústia em Saramago*. 2015. 135 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.
- BRIDI, Marlise Vaz. Modernidade e pós-modernidade na ficção portuguesa contemporânea. *Todas as Letras*, v. 7, n. 7, ed. especial, p. 75-81, 2005.
- BUTLER, Judith Butler. How Bodies Come to Matter: An interview with Judith Butler. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 23, n. 2, p. 275-286, 1998. [Traduzido para o português com permissão da University of Chicago Press: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 155-167, 2002].
- CARTER, Warren. *O evangelho de São Marcos: comentário sociopolítico e religioso a partir das marges*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do Cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- FERRAZ, Salma. *Dicionário de personagens da obra de José Saramago*. Blumenau: EDIFURB, 2012.
- _____. *As Faces de Deus na Obra de um Ateu: José Saramago*. 2.ed.rev.e ampl. Blumenau: EDIFURB, 2012a.

- HEILBRUN, Carolyn. *Writing a Womans Life*. London: Womens Press, 1988.
- HIRATA, Helena et al. (Orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- IRIGARAY, Luce. A questão do outro. Tradução de Tânia Navarro Swain. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1-2, p. 1-12, julho/dezembro 2012.
- JANSSEN, Claudia; LAMB, Regene. Gospel of Luke: the humbled will be lifted up. In: SCHOTTROFF, Luise; WACKER, Marie-Theres (Eds.). *Feminist Biblical Interpretations: a Compendium of Critical Commentary on the Books of the Bible and Related Literature*. Cambridge: B.Eerdmans Publishing Co., 2012. p. 662-679.
- LOURENÇO, Diana Almeida. O narrador em “O evangelho segundo Jesus Cristo”, de José Saramago. *Muitas Vozes*, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 175-189, 2015.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. Goiânia: Ed.da UCG; São Leopoldo: Oikos, 2008.
- _____. *Maria, Jesus e Paulo com as Mulheres: textos, interpretações e história*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2013.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SCHOTTROFF, Luise. A caminho para uma reconstrução feminista da história do cristianismo primitivo. In: SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. *Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. Tradução de Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal/EST/CEBI; São Paulo: Paulus/ASTE, 2008. p. 161-225.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus e a política da interpretação*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Loyola, 2005.
- SILVA, Tereza Cristina Cerdeira da. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses*. Lisboa: Dom Quixote, 1989.
- SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universitária de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3764>
- THEISSEN, Gerd. *Sociologia da Cristandade Primitiva*. Tradução de Ivoni Richter Reimer e Haroldo Reimer. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- _____. *Von Jesus zur urchristlichen Zeichenwelt: ‘Neutestamentliche Grenzgänge’ im Dialog*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.